



3992 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT08 - Formação de Professores

ENTRE A ENXADA E A CANETA: DO PLANTIO DO FEIJÃO À COLHEITA DE UMA PROFESSORALIDADE

Eliziane Santana dos Santos - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana
Alessandra Alexandre Freixo - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Resumo

O presente trabalho traz reflexões da minha dissertação de mestrado. Inspirada pelos escritos de Marcos Vilela Pereira, esta jornada cartográfica se dá a partir de uma autobiografia e, sobretudo, de uma memória escolar que emerge da experiência de acompanhar a germinação do feijão em um algodão, em contraponto à experiência de quem vive tudo isso "na roça". Este também se baseia nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, trazendo uma proposta de entrecruzamento do conceito de cartografia e narrativas orais de docentes no campo. O objetivo central deste estudo consiste em acompanhar processos de produção de memórias docentes que visem expressar professoralidades no campo.

Palavras-chave: professoralidade; cartografia; memória

ENTRE A ENXADA E A CANETA: DO PLANTIO DO FEIJÃO À COLHEITA DE UMA PROFESSORALIDADE

1. Preparando a terra para o plantio: na roça também semeamos conhecimento

O presente trabalho apresenta as reflexões iniciais da minha dissertação de mestrado. Inspirada pelos escritos de Marcos Vilela Pereira (2016), inicio a jornada teórico-reflexiva a partir da minha autobiografia, que nesse caso não é só minha, já que fui tocada a revivê-la e agora convido aos leitores a percorrer este caminho comigo. O objetivo central deste estudo consiste em acompanhar os processos de produção de memórias docentes, que visem expressar professoralidades no campo.

O interesse pelo estudo nasce da minha origem de moradora de uma comunidade rural num município da Bahia, das indagações que me faço todos os dias sobre o meu papel de professora, e de um mar de sentimentos no qual ousou me lançar novamente ao rememorar minha história. Eu não poderia deixar de revisitar minhas memórias para falar de onde venho e o que tenho sido. A semente foi plantada por minha mãe e meu pai, mulher e homem do campo, grandes cultivadores de um saber que nunca conheceu os rigores acadêmicos, mas formaram seus três outros frutos e, a que viria a ser o que não cabe em si e rompe a casca para ganhar o mundo. Estou falando de mim, estou lembrando quantas dificuldades foram vencidas até chegar ao mestrado, quanto de mim tenho semeado por aí e o quanto essa colheita vai se ressignificando a cada lembrança.

Ao longo de minha trajetória escolar, foram muitas as dificuldades que enfrentei como estudante da zona rural; em momento algum experimentei uma vivência escolar que contemplasse a realidade da qual fazia parte, realidade de quem desde cedo sentiu os sabores e aprendizados de plantar e colher o próprio sustento da família, fosse por meio da colheita da mandioca ou do plantio do feijão, e é essa memória que me afeta a pensar a professora que tenho sido. Desde pequena me questioneei ao ouvir as pessoas dizerem que no campo se leva uma vida dura; me lembro com clareza do quanto eu aprendia ao ver o feijão crescendo e, no mesmo ritmo, eu participava dos cuidados necessários para que em alguns meses ele fizesse a nossa mesa farta e até partilhássemos com quem não tinha. O feijão não nutria somente o corpo, nutria minha rede de conhecimentos. Mas ao mesmo tempo me trazia uma grande angústia por não poder expressar meu saber de quem com os pés na terra o plantava todos os anos, mas na escola limitava seu plantio ao copo e ao algodão.

Os anos se passaram e não me esqueci daquele dia, a lembrança vinha como aqueles dias de sol a pino, em que o verde da safra vai se tornando amarelo e sem possibilidades de uma boa colheita. Esta autobiografia e a metáfora do pé de feijão não são apenas um devir (DELEUZE; GUATTARI, 2011) que está florescendo dentro de mim, mas também a primeira produção/territorialização, rumo à escrita dissertativa.

3. O desenvolver de um plantio promissor

Entrar no curso de Pedagogia e me deparar com a pesquisa por meio da iniciação científica (IC) ao longo da minha trajetória universitária, foi como um grande desvelamento para que eu pudesse compreender ainda mais o potencial formativo que o campo tem para mim, ainda que eu não esteja fixada nele. Foi durante a graduação que tive a oportunidade de conhecer e debater a respeito das Escolas Famílias Agrícolas (EFA's), debate que originou meu trabalho monográfico de conclusão do curso, que versou sobre a formação docente dos monitores das EFA's e sua inserção em movimentos sociais. Ali eu pude me embriagar de amor pela luta camponesa e conhecer o campo em movimento, realidade que pouco ou nada era presente em meu campo.

Alguns anos se passaram e muitas foram as tentativas de ser aprovada no mestrado, o desejo de continuar a fazer parte do mundo acadêmico fez com que eu insistisse em cultivar não somente a safra de feijão, mas uma safra de alunos que choravam comigo a cada reprovação. Inspirada em Suely Rolnik (2007), digo que por longos quatro anos eu fui a "noivinha que gora-e-gruda".

Nem sequer cogitava a possibilidade de pensar em outra perspectiva de leitura e discussão, apenas desejava ser aprovada no programa e propor uma discussão que versasse em torno das políticas de Educação do Campo. Fui tocando a vida, me inscrevendo na seleção do programa ano após ano, e sendo professora, mal eu sabia que a memória do feijão que plantara no algodão décadas atrás, crescia sem

parar dentro de mim, como uma “memória projetiva”, me desestabilizando, deixando aflorar acontecimentos que me atravessavam:

a memória projetiva é de mais complexo acesso. Deixamos o campo mais estável das representações sobre o vivido e penetramos no campo efervescente das forças vivas, o campo de caos-zero-deserto de onde aparecem as possibilidades e os acontecimentos que vazam nas coisas, nas gentes e nos fatos. (PEREIRA, 2016, p. 75)

Essa memória emerge inicialmente em uma aula de uma disciplina do almejado mestrado em Educação, da qual fui aluna especial no ano de 2016. Em seguida, emerge novamente em duas seleções do programa, até que toca decisivamente uma professora, que afetada, me convidou à reflexão e consequentemente ao começo dessa cartografia, a partir de então uma escrita em quatro mãos.

Essa memória tornou-se um acontecimento: aquele dia em que, numa aula de ciências, minha professora do ensino fundamental convida seus alunos, todos meus colegas, crianças “da roça”, a plantar um feijão num algodão! Me lembro bem do experimento, muito corrente nos livros didáticos de ciências, que pouco fazia sentido para crianças que, cotidianamente, plantavam seus feijões na terra, os viam brotar da terra, agora, pasmos, os viam germinar no algodão...

Doeu mais do que no dia em que plantei, eu sempre soube que não é assim que se planta feijão, mas não imaginei que a memória de uma menina que conhece a roça como a palma de sua mão fosse ter importância e afetar no universo acadêmico. De acordo com Pierre Nora (1993, p.9) “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Esse acontecimento tem reverberado em diversos aspectos do meu estar sendo (PEREIRA, 2016) mestranda e professora, seja nas leituras, ou na escrita deste texto onde trago as reflexões iniciais da minha dissertação.

Mas ainda havia outros desafios, a mudança de perspectiva epistemológica de possivelmente enveredar por leituras e escritas de cunho pós estruturalista me deixou amedrontada; talvez essa tenha sido a minha primeira desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011) como aluna do mestrado. De acordo com Deleuze e Guattari (2011, p.26) “como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” O método cartográfico e suas nuances, a memória como dispositivo e sua potência em afetar, a compreensão da professoralidade e seus tantos sentidos (PEREIRA, 2016), esses são alguns dos conceitos que tenho me aventurado a compreender e discutir, subsidiados pelas disciplinas e pela orientação comprometida e acolhedora daquela professora que se afetou com minhas memórias, que embarca comigo no plantio de novas ideias.

3. O que era folha primária, agora é trifoliada: caminhos metodológicos e seus dizeres

Conheci inicialmente a cartografia através dos escritos de Deleuze e Guattari, volume 1 do livro *Mil Platôs*, no qual a cartografia é apresentada como uma perspectiva rizomática, que se desdobra em um plano horizontal e não hierarquizado, permitindo uma multiplicidade de concepções para as produções sociais, tudo isso com o uso constante de metáforas. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.22).

A cartografia social, aqui descrita, se refere ao método como estratégia de análise, de um olhar crítico que acompanha trajetórias e formações rizomáticas e liga-se aos campos do conhecimento. De acordo com Cintra et al. (2017), enquanto método de pesquisa, a cartografia é uma das possibilidades de estudar objetos de caráter mais subjetivo, que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento em de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção.

Percebi que o método cartográfico me daria condições de enveredar pelas redes de sentimentos que a memória de plantar o feijão no algodão me causa, e para a minha surpresa descobri que meu trabalho já estava se delineando, que todas essas etapas são retalhos do que futuramente chamaremos de dissertação. Segundo Oliveira e Paraíso (2012, p.171) “no movimento de sua pesquisa o cartógrafo encontra-se com coisas, corpos, ações, paixões, algo que o inquieta e que convém; mapeia movimentos de territorialização das linhas; indica movimentos de desterritorialização”.

Antes de qualquer coisa, sou mulher do campo, e a partir desse lugar venho sendo professora desde 2014, na relação com os demais, na diferença. Nesse sentido, é importante sinalizar que não pretendemos abordar um modelo acabado de ser professora por dom ou vocação, mas como um constante processo de formação, para tanto traremos a definição de alguns autores sobre o ser/estar professora. Para Nóvoa (1995, p. 19) “A profissão docente exerce-se a partir da adesão coletiva (implícita ou explícita) a um conjunto de normas e valores”. Em outra perspectiva, Marcos Vilela Pereira, investiga o que ele chama de professoralidade (PEREIRA, 2016), e ele mesmo justifica que:

Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E, como diferença não pode ser um estado estável a que chega o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. Se for um estado estável, estagnado redundaria numa identidade e o fluxo seria prejudicado. (PEREIRA, 2016, P.35).

Nesse sentido, Pereira não se prende a um modelo de ser professor, mas investiga a professoralidade como um estado singular de referências e fatos profissionais que reverberam na esfera pessoal e vice-versa. Desse modo, optaremos por basear a nossa discussão da perspectiva da professoralidade trazida pelo autor, sobretudo por compreender que tenho sido professora de acordo com as diferenças e atravessamentos produzidos em mim e que se modificam constantemente, já que não sou mais a mesma professora de ontem. Recorremos também aos estudos de Larrosa, quando aponta que a experiência é a possibilidade de que algo nos toque e a forma como atribuímos ou não um sentido para tal: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 21)

4. A propagação de novas sementes: um convite ao afetar-se...

Todos os acontecimentos pontuados até aqui expressam diferenças que foram produzidas em mim, enfatizam a necessidade de pensar sobre o quanto fui afetada e afetei o outro, sinto a necessidade de pensar neles como as flores que têm o poder de multiplicar um único grão de feijão, percebo também que por longos anos preferi me esquivar de encarar essa memória dolorosa e por vezes sombria, mas sobretudo próspera.

Como uma primeira territorialização nesta cartografia que se inicia, trago versos nos quais ousou contar a minha vida, me lançando ao desafio de regar com poesia o que ainda é angústia, e ousou convidar a quem esteja lendo a conhecer meus afetos e talvez se afetar por eles. Descobri que estou sendo poetisa de mim:

Quem colhe professoralidade outrora já plantou feijão

Me lembro do primeiro caderno, da primeira mochila, do lápis, da borracha...

Mas me lembro também do plantio de feijão, da mandioca que raspava, a enxada era a caneta, a terra era o papel, o suor do rosto nosso

alimento, mas o momento de ir pra escola, meu alento!

Faltar aula não podia, mesmo que deixasse a roça mais cedo, mão disso painho e mãe não abria!

Exigente e empenhada pelas melhores notas eu primava, se fosse menos que 7, era certo, abria a boca e chorava. Estudar era a única saída, por que todo mundo dizia "viver na roça é uma agonia". Estudar na cidade era o que me restava, saía de casa cedo, chegava tarde, dessa parte eu não gostava. Para superar tudo isso, um sonho me movia, ser professora era o que eu mais queria!

O sonho de passar no vestibular foi chegando mais perto, ainda que alguém dissesse "passar sem dinheiro pra pagar um cursinho? Isso nunca vai dar certo". E entre o plantio do feijão e as leituras fui escrevendo minha história, sou mulher do campo, e minha conquista é pra ficar na memória!

Os caminhos do mestrado pareciam tempos de seca, terra árida, sol a pino, e a aprovação que nunca chega.

Cultivei tantos saberes, soube desde cedo o que queria. Querer que nunca cessa, querer que me movia, visitando meus pedidos propus ao universo um artifício, projetei meus devaneios, minha vida em rabiscos científicos.

Ciência de quem sonha somando consigo, solitária em sua busca, silenciosa em seu grito. Brotou com maestria, calmamente caminhando, na direção do que queria.

Essa colheita também me trouxe surpresas, foi necessário aprender a cultivar o feijão com outros instrumentos, estudar novos conceitos, usar novas técnicas de plantio, para colher outros frutos.

Agora em outros territórios, não tenho mais o ofício da lavoura como profissão, sigo cultivando palavras e fazendo delas meu chão.

Referências

CINTRA, A. M.S. et al. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa **Fractal Revista de Psicologia**, v.29, n.1, p.45-53, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n1/1984-0292-fractal-29-01-00045.pdf>. Acesso em: 25. Ago. 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.1. São Paulo: Editora 34, 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *In: Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28. [s.n.], jan./fev./mar./abr. 2002.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. *In: _____*. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 19.

OLIVEIRA, T. R. M. de.; PARAÍSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação **Pro-Posições**. v. 23, n. 3, p. 159-179, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n3/10.pdf>. Acesso em 10. Ago.2018.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: UFSM, 2016.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v.10, p.7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/newFile/12101/8763>. Acesso em 13.Ago.2018.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2006.